

HUNGRIA \* ESLOVÁQUIA \* ÁUSTRIA \* ALEMANHA

# Danúbio

A BOM BORDO DO "RIVER CLOUD"

ESQUEÇA DIAS E DIAS DE MAR COMO HORIZONTE,

*cabinas fechadas e um grupo de septuagenários como única companhia.*

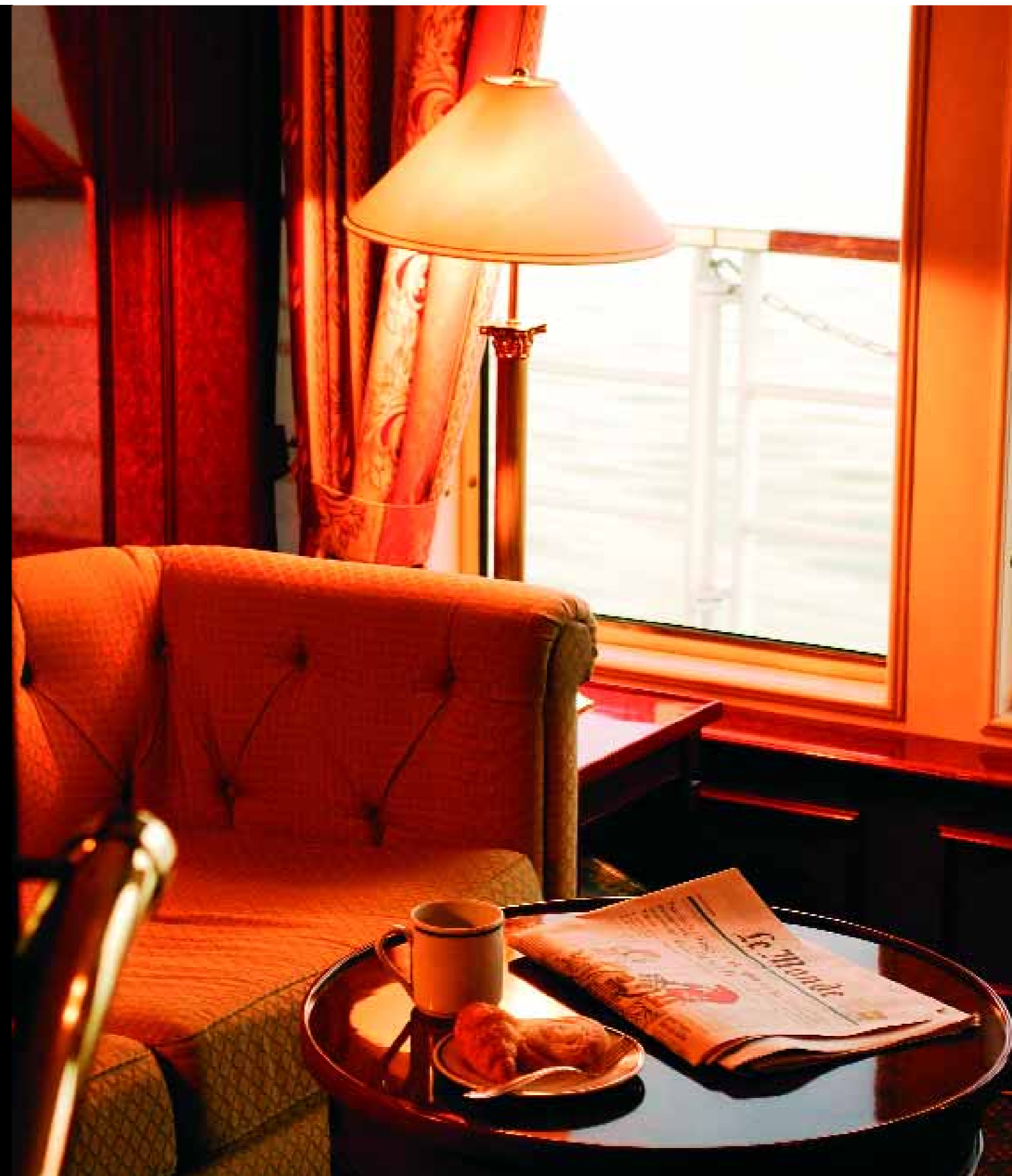
*Pense num rio que serpenteia pelo interior da Europa, nas suas paisagens, gentes,*

*culturas, cidades, vilas e aldeias surpreendentes. Embarque decidido a quebrar com*

*alguns lugares-comuns associados a um cruzeiro. Saia, uma semana depois,*

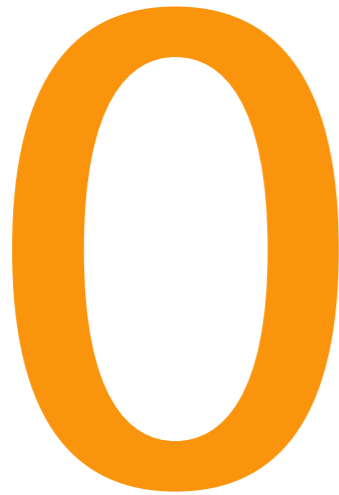
*sem supor que estes alguma vez foram possíveis.*

POR NUNO MIGUEL DIAS | FOTOS DE ANTONIO GAMITO



## Um cruzeiro contracorrente

pela Hungria, Eslováquia, Áustria e Alemanha. Só muito vagamente conseguimos relacionar esta embarcação com os grandes navios transatlânticos. O charme vai desde o mais pequeno pormenor decorativo a preciosismos no serviço como beber, a cada refeição, um vinho de excelência produzido na paisagem que observamos lá fora.



*River Cloud* não é o maior navio de cruzeiro do mundo, a única classificação a que parecem aspirar as mais importantes companhias do mundo. Os seus “irmãos marinhos”, os *Sea Cloud*, são veleiros “à antiga”, o que traduz o posicionamento de mercado da companhia e a razão pela qual a escolhemos. Não há casino, dez restaurantes, igual número de bares, sala de espectáculos, piscina ou discoteca. Os seus argumentos são outros. Poderosos, porém. Num tempo em que a procura incide, cada vez mais, em hotéis com poucos quartos e um serviço que ambiciona fazer-nos sentir em casa, esta embarcação fluvial, de escassos 110 metros de comprimento, onze de largura e apenas

três andares - Cabin Deck, Promenade Deck e Sun Deck - oferece mordomias com vistas de 360° sobre uma paisagem omnipresente, ao contrário de um mar como único horizonte. É uma Europa de montanhas, planícies, grandes cidades, pequenos lugarejos, cabanas sobre palafitas, acampamentos de nómadas, praias, castelos, conventos, abadias e muitos acenos das margens, a partir de pequenos botes onde se aguarda, ao som de um coro de canoros habitantes, que a carpa “pique”, onde se trocam beijos, afins e promessas de um futuro a dois. Ao deslizar pelo Danúbio, da Floresta Negra ao mar Negro, não se dá pelas fronteiras. Porque este é o curso de água que testemunhou toda a História do Velho Continente. O nosso percurso ficou-se entre a capital Budapeste e Regensburg, uma encantadora cidade na Baviera. Entre estas, parámos em Bratislava, Viena, Krems, Melk e Passau. E fomos também nós testemunhas de uma experiência com espírito muito *blue*.

### DIA 1 – 14H:46M – BUDAPESTE

Ali, atracado no Pier 4, na margem de Peste, o *River Cloud* é um barco como tantos outros. São às centenas e, à contraluz de um sol que já desce na direcção de Buda, não se distinguem. Budapeste não tem um brilho especial. Tem, apenas, muito brilho. Reflete no Danúbio, nas cúpulas douradas, nas pontes, não sei. O António Gamito, fotógrafo e companheiro nestas andanças, diz-me que a última vez que aqui esteve, ainda o “Bloco” estava de pé, cinzenta era mais que uma cor... era um adjectivo. Custar-me-ia a acreditar, não fosse tão fácil relacionar esta juventude, que faz vibrar Budapeste, com uma geração filha de oprimidos, fechados ao mundo, com desejos de inviabilizar um futuro que permita, sequer, lembrar um passado recente bem menos faustoso que aquele que deu a conhecer, outrora, um império.

Por agora, há uma pequena rampa que dá acesso a duas portas basculantes. Depois destas, um *lobby* cuja decoração lembra um veleiro, como se daqui nos dirigíssemos para o mar, e uma *welcome drink* num tabuleiro. Aquilo que aqui chamam de *refreshments* assemelha-se-me a um banquete, disposto em duas mesas. Um samovar fumeja. Talvez isto dê uma pequena noção do que nos espera. Ou talvez ainda estejamos longe, muito longe do que ainda estará para vir.

### QUANDO E COMO IR

• O *River Cloud* navega pelo Danúbio de 19 de Maio a 15 de Setembro. Aconselhamos o início e o fim da época, quando os dias são amenos, raramente chuvosos, mas com manhãs e noites frescas. Em Junho e Julho chegámos a ter de suportar, em Viena, 36° às 6h da madrugada, num dia de 42° com o Sol a pino. No que toca ao cenário envolvente, escolha entre uma Primavera ou um Outono diferentes nos tons, iguais em beleza. O trajecto pode não ser exactamente o que mostramos nesta reportagem.

• Preços (iguais para todo este período) a partir de €1.795 por pessoa (Categoria D), incluem cinco refeições diárias, vinho ou cerveja ao almoço e jantar, refrescos, água e café ou chá durante todo o dia, *cocktail* de boas-vindas, do comandante, *barbecues* no *sun deck* e garrafa de champanhe na cabina à chegada. A TAP tem voos directos de Lisboa para Budapeste e regresso de Munique (€124 + €86,73 de taxas).



*Danúbio*

### ATACADO MAS NÃO PARADO

Além do silêncio dos corredores e da tranquilidade que se sente a bordo, há uma azáfama invisível. A tripulação do *River Cloud* não pára. Basta sair da cabine para que, no regresso, tudo esteja impecável (incluindo o *praliné* na almofada). Pouco depois, no *lobby*, surge uma mesa com *refreshments*. Robert, o croata que dirige o hotel (aqui ao lado de Susann), é o máximo responsável.



*Danúbio*

**BUDAPESTE BY BYKE**

Esqueça museus e monumentos que figuram em postais. Com o pouco tempo de que dispõe, é preferível pedalar pelas ruas, avenidas e pontes, parando em alguns pontos estratégicos, como sejam os restaurantes mais *hip*, esplanadas de onde não apetece sair, festivais de folclore e gastronomia ou mesmo projecções de cinema húngaro ao ar livre.



**DIA 1 - 16H:32M - BUDAPESTE**

Olho pela vigia da minha cabina, a 26. Está quase ao nível da água e isso agrada-me. Como o chocolate belga em cima da cama, que aparecerá, como que por milagre, diariamente. Como o *brut* que descansa no *frappé*. Como o cesto de frutas exóticas, toda a decoração, muito longe do *kitsch* - verdades são para ser ditas (ou escritas) - dos navios de cruzeiro das grandes companhias e muito perto do charme que se poderá exigir da nossa própria casa. Consulto os mapas, programas e roteiros dispostos no canapé. No capítulo “amenidades”, reparo que há bicicletas à disposição dos passageiros. Consulto, novamente, o mapa. Peste é enorme, plana e repleta de pontos de interesse. Bato à porta da cabina 27 e proponho ao António desentorpecer as pernas com um passeio rápido por Budapeste.

Há ciclovias em quase todas as ruas, ainda que, por agora, este trajecto à beira-rio, com a luz oblíqua, seja imperdível. Depois, é entrar pela Szabad sajtó e seguir sempre em frente para que optemos pelas transversais que rasgam bairros como Józsefváros, Erzsébet, Város, Lipotváros ou Belváros. Há antiquários que são um verdadeiro regresso à cortina de ferro, lojas de design, bares *lounge*, esplanadas, feiras de gastronomia local, projecções de cinema ao ar livre e a famosa ponte Széchenyi lánchíd, ícone da cidade, toda engalanada, interdita ao trânsito e cheia de gente em barraquinhas que vendem produtos tradicionais, artesanato e, claro, comida e bebida. Mais sopa *goulash*, menos frango *goulash*, regressamos ao barco a tempo de um duche rápido e um *cocktail* que a Sabrina, a *barmaid* que veio de Colónia, e o Dominik, o berlinês chefe do bar, haviam preparado. “Viram bem a cidade”? Respondo que sim, e recebo uma piscadela de olho, enquanto a Sabrina coloca o gelo no meu gin&tonic: “Mais logo, quando acabarmos o serviço, mostramo-vos uma outra Budapeste. Mas não podes publicar que o *staff* vos levou para a borgia, ok”? Prometido!

**A NÃO PERDER EM BUDAPESTE**

• **Café Miró**  
Liszt Ferenc tér, 9 | Tel.: 321.8666  
www.cafemiro.hu/grande  
Boa decoração, um serviço sem mácula, um restaurante-bar diferente situado na rua que acolhe os sítios mais *trendy* de Budapeste. Melhor ao serão, convém reservar de véspera.

• **Menza**  
Liszt Ferenc tér, 2, Tel.: +36.1.413.1482  
Na mesma rua do café Miró, fica o restaurante mais *hip* de Budapeste. Tivemos que o visitar três vezes, em horários diferentes, para que já não figurassem, nas mesas, celebridades húngaras incomodadas com eventuais *papparazzi*. Reserve quando já tiver confirmação da viagem, mesmo que sejam muitos meses antes.

• **Tom George**  
Október, 6. U. 8. | Tel.: 266.3525  
Na ampla praça que dá pelo nome de Október, há uma esplanada cujo ambiente “afugenta” o típico turista. Boa música, bons *cocktails* e bolos que merecem mais que uma visita. A não ser que consiga provar todos numa tarde.

**UM QUARTO COM VISTA SOBRE BUDA,** os seus monumentos, luz e cor incomparáveis num rio que correu pela própria História e **FAZ PARTE DE TANTAS CULTURAS**



**OS PROTAGONISTAS**  
O *staff* do restaurante e os três “P”: preocupados, prontos e profissionais, e Sabrina, a *barmaid* de Colónia e o seu sorriso sempre presente

## DIA 2 – 10H:13M – BUDAPESTE > BRATISLAVA

“O pequeno-almoço só é servido até às 10h”, disse-me o Dominik, com uma carantonha de quem sofreu a pior afronta. Não aguenta. Dez segundos depois, desfaz-se em gargalhadas, ainda que o tabuleiro ao alto, repleto de copos, mantenha a horizontalidade de uma bolha de nível. “O restaurante já fechou, mas é claro que não vai ficar sem pequeno-almoço. Aguarde no bar, por favor”... Pastelaria fresca, café, sumos, torradas, fruta e iogurtes com serviço VIP. Antal, o pianista, ensaia umas “modinhas” que uma hóspede lhe pediu para o serão. “Nenhum húngaro consegue resistir a um pedido de uma linda norueguesa”, disse-me. Entretanto, dedilha o “Pomar das Laranjeiras” dos Madreus: “Enjoy you breakfast, sir.”

Partimos às 13h30 para Bratislava. Até lá, ainda houve tempo para uma nova incursão de bicicleta aos mercados. Afinal, é domingo e as ruas estão repletas de gente. Como o Sun Deck do *River Cloud*, um pouco antes da partida. A azáfama no cais é acompanhada de perto por quase todos os hóspedes, inclinados na amurada, bebendo *soft drinks* e conversando em menos línguas que as nacionalidades que esta embarcação consegue juntar, tripulação incluída.

Há uma espécie de mesura à partida. Um silêncio que terá a ver com o fascínio destes edifícios que passam agora por nós, as pontes a poucos metros da nossa cabeça, com tantos acenos lá do alto. E Budapeste desaparece lentamente, dando lugar a duas margens nuas de arquitectura mas engalanadas de salgueiros, plátanos, chorões que afloram as águas. A partir daqui, o Danúbio é isto. Natureza. De quando em vez, uma cidade irromperá. Mas em simbiose. Nunca de forma a “manchar” a beleza. Sim, a palavra é essa: beleza!

## O RIO TEM O SEU PRÓPRIO QUOTIDIANO e uma população única há quem pesque, passeie, namore, trabalhe, SEMPRE COM UM ACENO A QUEM PASSA

### A NÃO PERDER EM BRATISLAVA

#### • SLOVAK NATIONAL GALLERY

Todos os dias excepto segundas-feiras, das 10h às 18h. Última entrada às 17h.

A oferta é vasta e não se fica pela arte sacra, como anunciado nos principais guias e *sites* de turismo da capital eslovaca. Tem uma vasta colecção de arte moderna e as exposições temporárias justificam uma visita.

#### • ANTIK

Rybarska brana 2, Tel.: 5443.0260

Quase todos os estabelecimentos de restauração em Bratislava sofreram remodelação na sua decoração depois do fim do Bloco. Este café constitui a excepção e dá razões para arrependimento da concorrência. É o local mais *trendy* da cidade e pulula de gente nova e ambiente vibrante. O café é servido com esmero e a esplanada tem aquecimento, o que, nestas latitudes, é um grande ponto a favor.

#### • MODRA GULA

Suche myto 1, Tel.: 5957.4007

Não se deixe enganar pela aparência exterior. Este restaurante está fora do centro histórico, onde são mais “desejáveis” em termos cénicos. Infelizmente, são quase todos engodo para turista. Aqui, porém, a classe é indiscutível, a comida irrepreensível e a escolha de vinhos vasta. Ideal para um jantar, com vistas, do topo do prédio, sobre a iluminação nocturna.

## DIA 3 – 08H:23M – BRATISLAVA

Depois de ultrapassar o arrependimento em encetar (com irremediável dano) tantas construções com alimentos na enorme mesa do *buffet*, olho o programa para hoje. “Chegada a Bratislava às 9h. Regresso ao barco às 11h45, para a partida em direcção a Viena.” Ainda não acordei. Só isso pode justificar o que entendo ser menos de três horas para visitar uma cidade como a capital da Eslováquia. Na recepção, Susann, a *purser* do barco, confirma-o. Olho para o mapa. “Daqui até Viena ainda são 80 quilómetros... Mas ficávamos com muito mais tempo para explorar tudo isto” - digo ao António Gamito que, nada chocado, como é seu hábito, pergunta: “Pedes tu as bicicletas? Ontem fui eu. Aqui come-se tão bem que algum exercício vinha a calhar!” “Encontramo-nos em Viena, então”, despede-se Susann. E esta descontração deste elemento da tripulação em relação à nossa pequena “aventura” justifica-se pelo facto de esta não consistir, de todo, uma excentricidade. As bicicletas estão disponíveis, são um artigo a que qualquer hóspede tem direito e, a qualquer momento, desde que se sinta fisicamente capaz de empreender a “pedalada”, pode encontrar o barco na próxima “paragem”. Foi isso que fizemos. E valeu cada quilómetro.

A estada em Bratislava foi, assim, muito mais descontraída, ociosa e, logo, gratificante. À parte uma visita forçada à loja de material para bicicletas (para consertar um pedal, mais especificamente), tudo foi esplanadas, praças abertas, um bairro antigo (judeu), um centro (enorme) cortado ao trânsito, cafés com história e muitas histórias até chegar lá acima, ao castelo. No topo, olhando na direcção que iríamos tomar, um travo de aventura por antecipação. Uma interminável extensão de copas de árvores, acabando (ou melhor, não acabando) num *degradé* de verde. Logo abaixo das muralhas, um emaranhado de construções que parecem todas monumentos. Vem-me à memória a citação no *program for today*, que alguém coloca diariamente em cima da cama: “A arte é a diplomata do inexplicável.” Ou Goethe sabia-a toda, ou esteve em Bratislava.



*Danúbio*

### BRATISLAVA BLUE

A bicicleta, disponível no barco e sem quaisquer encargos adicionais, é a melhor maneira de conhecer Bratislava. A cidade tem uma dimensão bastante humilde mas os seus bairros mais antigos, labirínticos, merecem ser conhecidos a fundo. A pé, é uma corrida contra o tempo. Comece o dia com um pequeno-almoço reforçado a bordo (as omeletas são deliciosas) para ganhar energia suficiente para pedalar colina acima até ao castelo. Lá de cima a vista abarca toda a cidade, que se desenvolveu em torno deste morro, bem como o caminho que poderá percorrer de bicicleta até Viena.



## DE BRATISLAVA A VIENA DE BICICLETA

*De uma beleza desarmante, o Nationalpark Donau-Auen é imperdível. Reserve uma das bicicletas disponíveis no River Cloud, planeie com antecedência e muna-se de um mapa e muita água. Pare quantas vezes as necessárias para tirar fotos e fazer uma caminhada pelo interior da floresta, mas sempre pelas veredas. Tenha em conta que, em linha recta, são cerca de 40 quilómetros de floresta preservada de forma exemplar, e outro tanto até chegar a Viena, pelo que terá de calcular muito bem o tempo de que dispõe.*

Para mais informações consulte [www.donauauen.at](http://www.donauauen.at)

### DIA 3 – 15H:58M – BRATISLAVA > VIENA

Há uma ciclovia de Budapeste a Regensburg. A maior parte deste troço é pelas margens do Danúbio. Não aqui. Há que atravessá-lo três vezes e cruzar enormes campos de cultivo até chegarmos à fronteira com a Áustria. A partir daqui, ainda a paisagem é rural e, embora os castelos e igrejas sejam uma constante, são pertença de pequenas vilas como Stopfenreuh. Ainda bem. Eu, o António, os campos de milho, girassóis e o silêncio. Sem mapa - para “apimentar” a coisa - mas com muitas placas de sinalização, sabemos agora que ainda faltam 60 quilómetros para chegar a Viena. E a luz já é oblíqua outra vez. Tanto pior (ou melhor).

Esta é mais ou menos a altura em que entramos no Nationalpark Donau-Auen. Ocupa aquilo que é conhecido, há séculos, como Os Prados do Danúbio. Aqui, de prado apenas há a horizontalidade do terreno. Uma estreita via corta uma densa floresta de álamos, ulmeiros, carvalhos, cerejeiras, amieiros e aveleiras. Há tantas outras que não reconheço. Coníferas, também. O visco invade as copas. De quando em vez, os tais prados. Clareiras que deixam entrar alguma luz, cobertas de flores. Quando não são estas, enormes lagos com enormes “mantos” de nenúfares (ou “dentadas de sapo” por aqui), espelham o céu. E mais árvores. Duas ou três fileiras destes gigantes chegam para tapar qualquer perspectiva da extensão da floresta. Apenas sabemos que o Danúbio está por perto. Onde? Não é possível saber. Ouvem-se muitos ruídos e o restolhar na vegetação, às vezes passa um guarda-rios e, desde há uma hora, há uma cadeia alimentar que se desenrola em nosso redor. Há milhares de mosquitos que nos obrigam a semicerrar os olhos, inúmeras libélulas e uma nuvem de morcegos que fazem um festim com estas.

A luz esvai-se com rapidez e, sem vislumbre do fim desta interminável recta, chegam os primeiros receios: “Ó António, não foi por aqui que andou aquele urso a incomodar as pessoas?”, silêncio. Só no fim da aventura consultámos o *site* oficial do parque e concluímos que, para além de javalis, gamos, castores, lontras e raposas - que não vimos - ou das cobras que obrigavam a ocasionais *slaloms*, nada havia a temer. O fim desta recta veio, três horas depois, com uma pequena cabana de comes e bebes. Daí até Viena ainda faltará uma hora e, refira-se, uma espécie de circuito de manutenção algo decrépito, com restaurantes (ou bares?) de aspecto duvidoso. Sempre junto ao Danúbio, surgem mais dúvidas: “Onde estará atracado o barco?”, mas pouco depois há acenos e assobios.

A tripulação e os hóspedes aguardavam-nos. Estava sedento por uma água mineral (ou dez?) e um daqueles jantares que convencionámos chamar de “Festim Cloud”, mas o duche e o erro de me “encostar um pouco antes do jantar” só me permitiram ver o nascer do Sol do dia seguinte.



#### 7 STERN BRÄU

Loiras, morenas ou pretas, com malaguetas ou limão, ao todo são sete as variedades de cerveja fabricadas neste restaurante no centro de Viena. Ideais para acompanhar os tradicionais joelho de porco ou *Schnitzel*, não substituem um bom *Schnapps* no final

#### DIA 4 - 09H:41M - VIENA

Viena é enorme, vejo no mapa. Não sei se, digamos, o selim da bicicleta continua “confortável”, depois de ontem, para mais uma incursão. Devo ter pensado alto e em inglês, porque Susann sorri. Sorri sempre, esta alemã casada com um montenegrino, o que explica o apelido *Toskovic*. É um grande exemplo da diversidade humana que une esforços para fazer desta uma das melhores companhias de cruzeiros do mundo. Daí a umas horas, ao serão, pelos cafés e esplanadas de uma luminosa Viena, confessou-me nunca ter pensado no facto de o seu superior, Robert Matokovic, o director de hotel mais bonacheirão que conheci, ser um croata, ex-combatente em Vukovar, mas também ex-director dos melhores hotéis de Zagreb. Fui eu que assumi poder ser problemática a relação laboral entre um croata e uma “convertida” à ortodoxia sérvia. Na maior parte das vezes, convenhamos, é. Não na *Sea Cloud Cruises* e, particularmente, no *River Cloud*. Não onde o comandante Harold Ripson, um holandês, galhofeiro nato, enceta uma conversação na sua língua materna com o António Gamito e, perante o meu ar (compreensivelmente) distante, me propõe: “Se se estiver a sentir excluído, posso repetir tudo em espanhol” e desfaz-se em gargalhadas. Não onde a directora do cruzeiro, a Doris, faz questão de levar toda a tripulação para “os copos” na sua cidade natal depois da hora de expediente e aparece, na manhã seguinte, com um ar de quem acaba de chegar das Bahamas... (desconfio que isto também não seria para escrever).

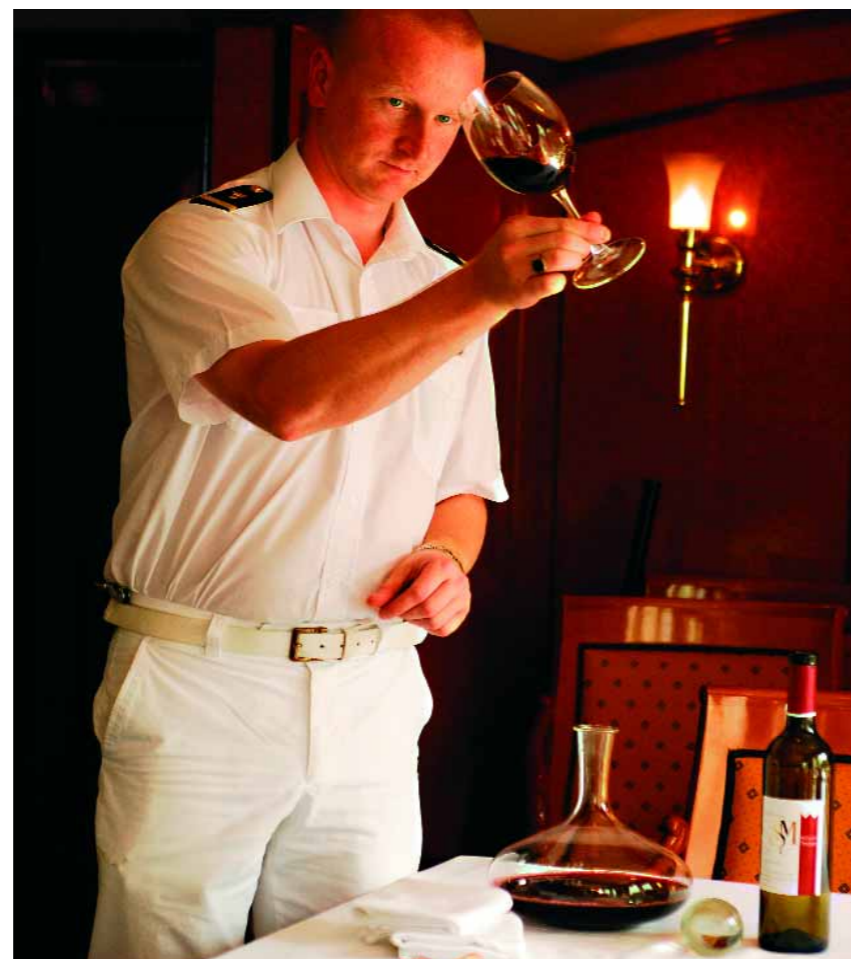


#### BOA VIDA PARA APRECIADORES

Olga, membro de um grupo de amigas norueguesas, fez esta viagem pela terceira vez. Os maridos ficam a pescar nos fiordes, elas partem. Eram as nossas “rivals” de bicicleta

#### RADEK, O MAÎTRE D'HOTEL

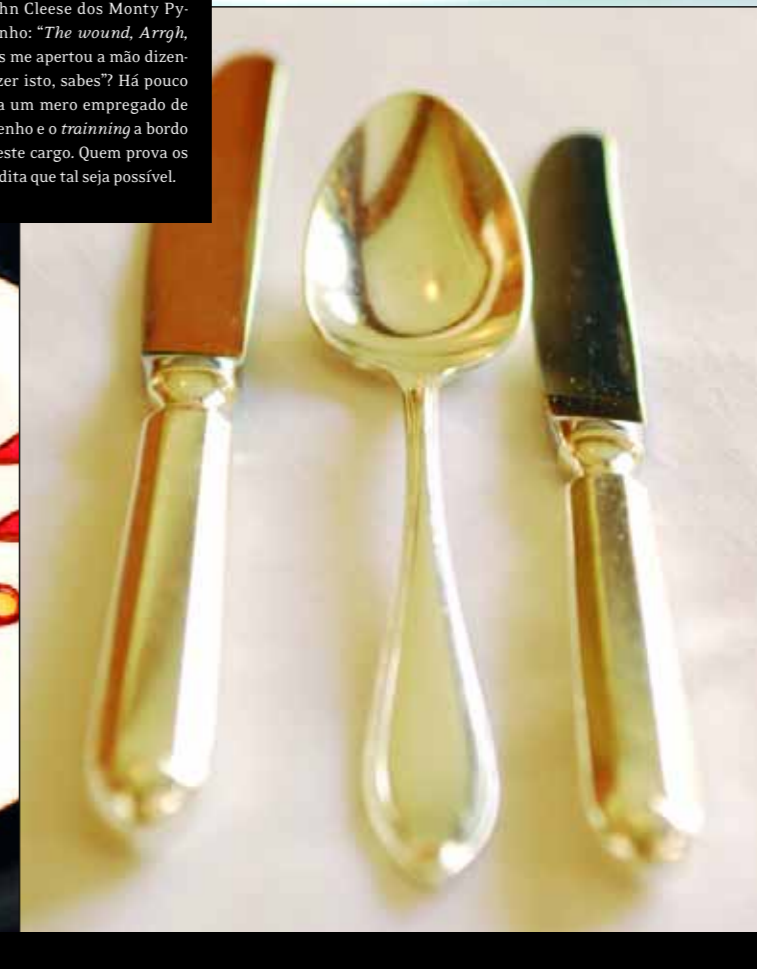
Escolhe os vinhos cruzando dois factores: Os pratos que serão servidos e a região onde o *River Cloud* está nesse momento. Os resultados são, invariavelmente, irrepreensíveis



#### Danúbio

#### ALEX, O COZINHEIRO

Na tarde em que me anunciaram como “o jornalista que quer falar contigo”, Alex apresentou-se recriando John Cleese dos Monty Python, cutelo em punho: “*The wound, Arrgh, the pain*”, e só depois me apertou a mão dizendo: “sempre quis fazer isto, sabes”? Há pouco mais de um ano, era um mero empregado de mesa. Foi o seu empenho e o *training* a bordo que o elevaram até este cargo. Quem prova os seus pratos não acredita que tal seja possível.





*Danúbio*

**DA ESSÊNCIA AUSTRIÁCA À OUTRA ALEMANHA**  
A Viena berço das maiores correntes artísticas europeias, da música à pintura, passando pela arquitectura, ficou agora para trás. Esta é uma Áustria mais humilde mas grandiosa. Através dos vinhedos de Krems, passamos pelo secular Mosteiro de Melk (em cima) e chegamos à Baviera, essa Alemanha que prefere não ser tratada por alemã. “Somos bávaros, apenas”, dirá qualquer habitante de Passau. Em Regensburg, faça como os locais e aproveite os relvados à beira-rio para uma pausa, enquanto põe a leitura em dia ou escreve os postais a fazer inveja aos amigos.



## WACHAU, PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE, é mais que a porta para a Baviera é um portal para outra dimensão, onde PAISAGEM E GENTES NOS LEVAM AO PASSADO

A boa disposição a bordo continua com o *chef* de cozinha Alex Hedegger, que ainda há dois anos era um mero *barman*. Consegue, para além de confeccionar alguns dos mais maravilhosos sabores que provei, aliá-los ainda a uma apresentação digna de galeria. E também com o maître d’hotel, Radek Suchy, um checo que nos escolhe os vinhos, nos confessara antes da partida: “Posso enganar os americanos, mas duvido que consiga superar os vinhos portugueses.”

Todas estas pessoas, desde Jozef Pavlov, primeiro oficial e “capitão” do turno da noite (navega por um Danúbio bem mais misterioso, escuro como breu, aponta um potente projector para as margens de cada vez que passamos por uma *rave* à húngara, com fogueiras e *techno* em praias fluviais. Vêm de lá aplausos e gritos quando ele toca a buzina), à governanta Jana Mrosko, polaca, bonita, a humildade personificada, sabem que aqui não há nacionalidades. Há, isso sim, muito trabalho, mas recompensa pelo mesmo. Talvez por isso o desempenhem de forma quase extremosa. Ou talvez porque são apenas óptimos profissionais. Não é fácil. Robert, o director do hotel, “pinta-me um quadro” que não está à vista: “Trabalham cerca de 12 horas por dia, durante todo o Verão. E ainda há os incógnitos, aqueles que os passageiros nunca chegam a ver, mas cujo trabalho é essencial para que tudo saia desta forma, para que continuemos a receber, por exemplo, magnatas do Dubai, o país com a mais fantástica oferta hoteleira. Porque acha que nos preferem? Porque somos os melhores.” Durante o Inverno, muitos destes tripulantes partem a bordo do *Sea Cloud*, o veleiro de três mastros, outra grande “cartada” desta companhia, em direcção às Caraíbas. Esta é, por agora, a casa de todos eles e, logo, estamos perante uma grande família, mesmo que haja uma outra à espera na terra natal. E nós, os passageiros, sentimo-nos convidados de honra.

### DIA 4 – 15H:12M – VIENA

Perdi-me em Viena. Não é coisa de que me orgulhe. Como não é coisa de que me arrependa. Explico: Perdido, andei longe dos angariadores de clientes vestidos com disfarces de Mozart, das lojas de bombons que já todas as confeitarias portuguesas expõem nas montras, da incansável valsa do “Danúbio Azul” que sai de altifalantes indetectáveis e, claro, do *Shnitzel* (continuo sem aceitar que um país como a Áustria insista num panado de porco como “porta-estandarte” gastronómico). Descobri uma Viena menos monumental, inconcebível em postais mas, simultaneamente, mais humana. Poucos turistas, mais vienenses. Que desfrutam o rio, convivem com ele, como há tantas gerações...

### DIA 5 – 08H:36M – WACHAU (KREMS E MELK)

... como quase todos os passageiros, agora que dobramos aquela curva que indica aquilo porque tantos anseiam. Percebo porquê. Wachau, o pequeno país dentro do país, a “porta” para a Baviera, é a região dos famosos vinhos austríacos. Curiosamente, assemelha-se ao Douro. Há socalcos, mas também montanhas densamente florestadas. Há verdes, amarelos, vermelhos. Há, também, os castelos. Nas margens, nos cumes, em ilhas. Almourol num cenário bem mais amplo, aberto. Património da Humanidade, a região de Wachau estende-se de Krems, uma vila que nos recebe com uma temperatura amena, luz, silêncio e uma longa rua medieval (tem pouco mais, mas isto é quanto baste para uns bons momentos *blue*), e termina em Melk, uma minúscula povoação que cresceu na base da Abadia cuja importância foi, em tempos, tal, que Umberto Eco, no seu “O Nome da Rosa” não poderia ter concedido outra proveniência a Adso (protagonizado por Christian Slater ao lado de Sean Connery, no filme de Jean-Jacques Annaud).

#### ARTE EM VIENA

• **KUNSTHAUSWIEN**  
*Untere Weißgerberstraße, 13*  
*Tel.: 712.0491*  
*Aberto todos os dias, das 10h às 19h*  
*www.kunsthau Wien.com*  
Se Klimt, um dos grandes “embaixadores” austríacos, tivesse enveredado pela arquitectura, este seria o resultado. Como não, é “apenas” o museu que, desde 1991, e finalmente, alberga as pinturas de Hundertwasser, pintor mais desconhecido mas nem por isso menos importante. O edifício vale por si, como imagem e como grito de protesto contra a “ditadura arquitectónica das linhas direitas”. As obras que encerra vale bem a pena perdermo-nos na cidade e, por um mero acaso, darmos de caras com isto.

#### • KUNSTHISTORISCHES MUSEUM

*Maria Theresien-Platz,*  
*Tel.: 525.24 - 0 | www.khm.at*  
*Aberto todos os dias, das 10h às 19h*  
Quando o arquiduque Leopold Wilhelm fundou a galeria de retratos deste museu, no século XVII, doou todas as obras que adquirira quando era governador das Terras Baixas (Holanda). Hoje é uma das mais ricas colecções da Renascença veneziana, com obras de Ticiano, Veronese e Tintoretto, em conjunto com as mais significativas obras dos mestres Van Eyck, Rubens e Van Dyck. Ainda pode contar com vastas colecções de artefactos gregos, romanos e egípcios.

#### • MUMOK – Museum Moderner Kunst

*Museumsplatz 1*  
*Tel.: 525.00*  
*Todos os dias, das 10h às 18, excepto às*  
*terças-feiras, aberto até às 22h*  
O Museu de Arte Moderna de Viena, na capital que reinventou, por algumas vezes, a arte ela própria, não necessitará de apresentações. Para quem não conhece, só haverá uma solução. E é essa mesmo.

# PASSAU É UMA CIDADE DE ESTUDANTES onde os rios Inn e Ilz se unem ao Danúbio seis margens de esplanadas repletas de JOVENS PROVENIENTES DE TODO O MUNDO

## TOME NOTA:

### EM MELK

#### • Abadia de Melk

Abt-Berthold-Dietmayr-Str. 1

Tel.: 2752.5550

A palavra “Áustria” (Ostarrichi) foi mencionada, pela primeira vez, num documento de 996 a.d. A Abadia de Melk data de 1089, pertence desde então a monges que seguem a rígida norma de São Benedito e foi dali que partiram grandes reformas na História da Europa e alguns dos mais belos manuscritos criados pela cristandade. É uma atracção turística mas, internamente, continua praticamente inalterada, tanto na arquitectura como no espírito.

### EM PASSAU

#### • Café Unterhaus

Höllgasse, 12, Dinaugelande

Tel.: 989.0464

Club Nitty Gritty (a partir das 21h30)

A melhor localização com o melhor serviço.

A funcionar no mesmo espaço está uma livraria especializada em fotografia e poesia.

Pode consultar sem comprar. Uma espécie de FNAC de família. A pastelaria (poucos exemplares, mas óptimos) é confeccionada por jovens que, assim, ajudam a subsidiar os estudos. A música ambiente é excelente e pode, também escolher. Mas não é de todo necessário.

### EM REGENSBURG

#### • MoccaBar

Brückstrasse, 5, Tel.: 586.5527

Um lounge para amantes de café,

mas também para gente conversadora e que gosta de manhãs, tardes e serões confortáveis, como se estivesse em casa.

#### • Atelier Schwesternliebe

Kramgasse 1

Tel.: 0179/949.8867 (telemóvel)

Amor à primeira vista. Quem passa na rua e espreita a loja, dá com a imagem de duas irmãs, cara de miúdas (sim, muito bonitas, também), sentadas em duas cadeiras de baloiço, bordando. Espreita-se e são logo dois lindos sorrisos ao som de um aberto “guten Tag”. As irmãs Stephanie e Dominika Sabatier são designers e têm uma das lojas mais românticas já vistas numa rua de dois metros de largura. Desenham roupa e bordam, com tecidos diferentes, frases e palavras simples. Costumam passar férias em Lisboa. Puro bom gosto, portanto!

Aqui, deparamo-nos com muita gente cujas feições são tudo menos austríacas. Explica-se isto com o facto de o Dalai Lama estar a dar uma palestra na Abadia. Descubro, naquele momento, que o António Gamito é budista: “E como é que só sei disso agora?” Descubro também que o Press Card poderia fazer milagres (catolicamente falando), permitindo-me passar à frente de uma enorme fila de admiradores, informa-me o segurança. Concluimos que isso seria muito pouco cristão e seguimos viagem.

## DIA 6 – 10H:08M – PASSAU

Difícil, em Passau, é escolher entre tantos sítios para demorados momentos *blue*. A cidade onde confluem três rios (Danúbio e os seus afluentes Inn, vindo do Sul, e Ilz, da floresta bávara, a norte) dispõe então, contas feitas, de seis margens repletas de esplanadas, restaurantes e *coffee shops*. Salsichas e cerveja em canecas de cerâmica com tampa? Nem pensar! Não nesta Baviera. Não na cidade de 50 mil habitantes onde oito mil são estudantes nestas universidades famosas em toda a Europa. Este café expõe fotografias, aquele tem *workshops* de escrita criativa, o outro ali adiante tem serões de poesia. As vistas são invariáveis: a torrente de água, às vezes um barco que passa e, na margem oposta, uma fileira de casas de cores garridas sobre o cenário de sempre: a floresta policromática (imagino os quintais dessas casas). Um emaranhado de ruas estreitas, antiquíssimas, esconde-se, paralelamente a cada um dos rios, com mais um indecifrável número de esplanadas. E nesta calma que é a Baviera, há sempre um burburinho, a azáfama que também existe nesta “província” como lhe chamam os alemães, nesta “Alemanha? Não! Isto é Baviera!”, como dirá qualquer bávaro, quase ofendido. Que é como quem diz... com um sorriso nos lábios.

## DIA 7 – 11H:04M – REGENSBURG

Sim, não estava à espera deste tipo de gente. Estereótipos à parte, as *Lederhosen* (os típicos calções de cabedal, com peitilho - em jeito de jardineiras -, tradicionais desta região, Áustria incluída), são mesmo envergadas pelos populares (infelizmente, nem um “iodelehiú” conseguimos ouvir), no seu passeio em família pelas margens, debaixo dos chorões, e há sempre um sorriso, um aceno e um gesto repetido inúmeras vezes ao dia: tirar o chapéu (aquele com a pena de faisão) aos transeuntes. E estamos a falar de Regensburg, uma cidade de dimensões generosas que, claro está, tem tudo, mesmo o ambiente romântico das mais humildes em dimensão (não em beleza).

Regensburg é desarmante em monumentalidade e, mais do que ver, tem tanto que fazer que é injusta esta estadia de apenas um dia. Amanhã partimos, mas não sem antes sentir um sabor a Oktoberfest, que decorre na ainda distante Munique, mas que esta “irmã” mais a sul se recusa a perder. De tanto que nos quisemos distanciar dos lugares-comuns e experimentar “algo diferente”, acabámos, de *Weisswuster* e caneca na mão, olhando o lânguido correr do Danúbio, quase imperceptível, a perguntarmo-nos por que raio é que ainda há quem pense que um cruzeiro “é coisa de idosos”. Lá que não é para todos, concordamos. ▀



*Danúbio*

### VIAGEM CÉNICA

As muitas paragens justificam o embarque. Mas há também o percurso em si. Esta é uma outra forma de viajar. Pelo Danúbio acima, não se dá pelas fronteiras. Há apenas o desbravar esta torrente de água, feita de cenários tão diferentes mas igualmente desarmantes. Algo compele, tantas vezes, a debruçarmo-nos na amurada, neste silêncio que alguns sinos na margem interrompem de quando em vez. Mais *blue* é difícil!

